

GASTON BERGER: HUSSERL E HUME

HUSSERL AND HUME

Guilherme Felipe Carvalho

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR)

guilhermefelipe589@gmail.com

A tradução a seguir tem como pretensão demonstrar o modo como Gaston Berger (1896-1960) em seu texto *Husserl et Hume*, promove uma articulação entre a fenomenologia de Edmund Husserl e o empirismo de David Hume. No texto, o autor apresenta a maneira como a fenomenologia ao valorizar a experiência (tendo-a como imprescindível) se aproxima da filosofia de Hume, e ao tratá-la como insuficiente por si mesma, acaba por estabelecer uma estreita relação com o idealismo transcendental kantiano. O fato é que por mais que Husserl acredite ter superado a imediatez dos fatos empíricos vindo a construir um novo sistema de idealismo transcendental, a sua fenomenologia jamais deixou de clara fazer referência a Hume.

Tradução

Quando um dia perguntamos a Husserl quais os filósofos que tinham exercido maior influência no desenvolvimento de seu próprio pensamento, ele respondeu-nos que haviam sido Descartes e Hume.

O nome do filósofo francês aqui não é uma surpresa. Uma das últimas e mais importantes obras de Husserl chama-se *Méditations cartésiennes*¹ e apresenta-se não como um esforço para resolver esta ou aquela questão especial, mas como uma *Introdução à fenomenologia*. Além disso, não podemos deixar de ficar impressionados com todas as analogias que existem entre Descartes e Husserl, ou pelo menos entre Husserl e o Descartes

¹ O fato de Berger primeiramente colocar o título da obra de Husserl em francês e depois em alemão, deve-se ao fato de que as *Meditações Cartesianas* foram primeiramente publicadas em 1931, em francês, aos cuidados de Emmanuel Levinas, Gabrielle Pfeiffer e Alexandre Koyré. Somente em 1950 é que a obra foi publicada no alemão: *Cartesianische Meditationen* (incluindo as *Pariser Vorträge*), sendo o primeiro volume da *Husserliana-Gesammelte Werke* (Nota do tradutor).

das duas primeiras meditações: a dúvida cartesiana corresponde à *epoché* husserliana, a colocação entre parênteses, que somente quer ser uma dúvida mais autêntica, uma verdadeira suspensão do juízo, em vez de ter por falsas as ideias nas quais se percebe a menor incerteza.

Sobretudo, é necessário notar a semelhança que há entre a atitude de Descartes e a de Husserl: ambos são dogmáticos por temperamento; ambos querem fundar uma ciência absoluta e buscam uma certeza inabalável. Ambos pensam que a encontraram no “*Eu penso*” e alcançam esta verdade primeira por uma intuição de sua inteligência: é uma evidência. Todo conhecimento válido será baseado nesta evidência inicial.

À primeira vista, a relação entre Husserl e Hume não parece tão próxima. Pode-se até ficar surpreso ao ver aproximados dois filósofos cujos métodos e conclusões parecem muito diferentes.

Hume teria para Husserl somente o valor de uma antítese? Não seria pouca coisa, posto que apenas se opõe claramente àquilo com que se tem um número suficiente de pontos em comum. Mas isso não seria suficiente para justificar a estima particular que o fundador da fenomenologia detinha pelo grande cético inglês. Além disso, Hume não é o único filósofo em quem se expressa o naturalismo que Husserl combate. Quando critica o psicologismo, no primeiro² volume de suas *Logische Untersuchungen*, não é para Hume que ele se volta, é para Stuart Mill ou Spencer, para Wundt, Sigwart ou Erdmann. Mas parece-nos possível encontrar, por trás das oposições massivas, analogias reais. Mais profundamente ainda, percebemos na filosofia de Hume uma espécie de momento preparatório e necessário à fenomenologia, uma prova purificadora pela qual o pensamento deve passar antes de se tornar claramente consciente das exigências e do carácter da filosofia transcendental.

Nós nos posicionaremos do ponto de vista da fenomenologia e, no confronto que operaremos, procuraremos menos a oportunidade de fazer observações históricas ou de comparar os méritos de duas filosofias diferentes do que os meios de compreender melhor o pensamento de Edmund Husserl.

*

**

Husserl toma de Stuart Mill a concepção empirista da lógica à qual deseja se opor. Mas é a Hume que ele pede a exposição da tese empirista sobre um ponto particularmente importante, o da formação das ideias. Todo um capítulo é a ele consagrado³. A maneira de Berkeley apresentar as coisas parece a Husserl um pouco obscura. A teoria de Hume, por

² “*Logische Untersuchungen: Prolegomena zur reinen Logik*”. Husserliana XVIII (Nota do tradutor).

³ *Logische Untersuchungen*, 2. ed. (doravante, *L.U.*), t. II, 2ª parte, cap. V, pp. 184-215.

outro lado, é perfeitamente clara e distinta⁴. Ora, é muito importante realçar claramente o carácter da doutrina, numa época em que a influência de Hume é particularmente ativa⁵, quando se manifesta num William James, e ainda mais claramente num Cornelius, que tenta edificar uma teoria do conhecimento em bases estritamente psicologistas⁶.

As análises de Hume, pensa Husserl, são plenamente interessantes. Deve-se dizer – e isso não é contraditório – que sua teoria da abstração é um erro total, mas é, no entanto, a esse filósofo que cabe o mérito de ter aberto o caminho para uma boa teoria psicológica da abstração⁷.

O que então Husserl opõe ou acrescenta a Hume a partir das *Logische Untersuchungen*, e mesmo antes de ter concretizado a sua filosofia transcendental? Principalmente, duas coisas: a teoria da intencionalidade e o sentimento de originalidade das ideias.

A teoria da intencionalidade, emprestada por Husserl de Brentano, mas singularmente ampliada e aprofundada por ele, exprime no fundo este fato muito simples de que certos fatos da consciência não são suficientes por si mesmos⁸. Eles implicam em outra coisa que si mesmos, não por acréscimo e acidente, mas precisamente por aquilo o que são. Uma representação, por exemplo, não é uma cópia da coisa, que possa, de uma forma ou de outra, separar-se dela e existir por sua conta; a sua natureza não está esgotada pelo que nos oferece; ela é, essencialmente “relação com objeto”.

Esta forma de ver as coisas opõe, evidentemente, a fenomenologia ao empirismo naturalista, para o qual uma coisa é somente aquilo que é, [e] a ideia torna-se um simples resíduo da sensação. O sensualismo substitui assim os “dados sensíveis” pelas percepções, negligenciando o carácter destas de estarem inteiramente voltadas para as “coisas”.

Contudo, encontramos em Hume um elemento que desempenha o papel da intencionalidade na fenomenologia: é a crença (*Belief*), que corresponde pelo menos à forma

⁴ L. U., p. 185.

⁵ L. U., p. 207.

⁶ Hans Cornelius havia justamente publicado em 1897 uma *Psychologie als Erfahrungswissenschaft*.

⁷ L. U., II, p. 190.

⁸ A intencionalidade tem múltiplos aspectos na fenomenologia. Em primeiro lugar, existem várias maneiras de a consciência “visar” o seu objeto, e a intenção teórica é algo diferente da intenção moral ou da intenção afetiva. Mas, por outro lado, sob a intenção que liga um estado de consciência ao que “significa” e que conserva um certo carácter psicológico, embora já seja eidético, há uma *intencionalidade transcendental* pela qual o sujeito, o *ego*, se relaciona com o mundo que lhe é dado como *cogitatum*. Se nos aprofundarmos no significado desta última forma de intencionalidade, perceberemos que ela é verdadeiramente criativa e, portanto, merece o nome de *intencionalidade constituinte*.

mais geral da intenção, a intenção teórica, a da simples (*blosse*) representação⁹, aquela que se limita a postular uma coisa como existente, efetuando assim, o que Husserl chama de “tese dóxica”.

Ocorre que *Belief* conserva um caráter notadamente psicológico. Por outro lado, é algo exterior à ideia, que lhe acrescenta essa firmeza particular, essa nuance que nos faz nela acreditar. Na intencionalidade, ao contrário, não se trata de uma relação entre um evento psicológico chamado *Erlebnis*¹⁰ e uma outra realidade existente chamada “objeto”. Não se trata de uma “conexão psicológica”. Trata-se da essência pura dos fatos da consciência (*Erlebnisse*) e do que é exigido *a priori* por esta essência “com uma necessidade absoluta”¹¹.

Hume permanece, em linhas gerais, fiel à teoria da representação de Berkeley. Em vez de se apegar ao que há de significativo na ideia, ele se perde no estudo das condições factuais que criam os diferentes vínculos entre as ideias. Sob o nome de *belief*, o caráter intencional dos fatos da consciência é substituído por algo “de análogo à intensidade”¹².

Essa constância do empirismo em reter em todos os lugares apenas o fato individual, o evento, leva-nos a falar da teoria das ideias que a fenomenologia traz. Talvez seja a ela que mais se pensa quando se trata de Husserl. Mesmo aqueles que não fizeram um estudo especial da fenomenologia, sabem que o seu fundador afirma que nós temos um conhecimento direto, uma *intuição* das ideias, das essências. Ora, a introdução desta *Wesensschau*¹³ é menos uma inversão radical da posição de Hume do que um alargamento de seu intuicionismo.

Sabemos que, para o filósofo inglês, nosso pensamento é composto por dois tipos de elementos, um primário e irredutível, as *impressões*, o outro secundário e derivado, as *ideias*. De acordo com o uso, traduzimos por “ideia” o termo *idea*, embora corresponda mais exatamente ao que geralmente se entende por “imagem”. Mas é próprio do empirismo não distinguir a ideia de imagem¹⁴. “Todas as nossas ideias simples, quando aparecem pela primeira vez, derivam de impressões simples que lhes correspondem e às quais elas representam exatamente”¹⁵. Husserl não rejeita esta afirmação. Já vimos que ele esclareceu com a sua teoria da intencionalidade a relação que liga a ideia à impressão, mas conserva a

⁹ L. U., II, p. 430. Nas *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie* (doravante, *Ideen*), o próprio Husserl aproxima a *Doxa* da *Crença*, p. 264.

¹⁰ “Vivência” (Nota do tradutor).

¹¹ *Ideen*, p. 64.

¹² L. U., II, p. 188.

¹³ “Visão de essência” (Nota do tradutor).

¹⁴ Basta pensar no clássico “*ideam sive imaginem*” de Hobbes, que se repete constantemente na sua 5ª Objeção a Descartes.

¹⁵ No texto não fica claro a qual tradução francesa a que Berger se refere. Uma das possibilidades é: *Oeuvres philosophiques choisies: De l'entendement. Traité de la nature humaine*. I. Trad. par Maxime David. Préface Lucien Lévy-Bruhl. Paris: F. Alcan, 1930, p. 12 (Nota do tradutor).

distinção que Hume estabelece entre o primitivo e o derivado. Somente diante da insuficiência da teoria empirista da ideia geral, ele é conduzido a distinguir, no âmbito da ideia de Hume, dois tipos diferentes de elementos: imagens referentes às impressões sensíveis e “intenções de significação” referentes às ideias puras, às essências. Cada um dos dois aspectos da vida do espírito, sensível ou intelectual, temporal ou atemporal¹⁶, comporta igualmente um modo direto, “originário”¹⁷, em que a coisa ou a essência se doa “em pessoa”¹⁸, e um segundo modo que só tem sentido através do primeiro, para o qual tende a sua “intenção”. Podemos chamar de evidência, em sentido muito amplo, esse modo final (*Endmodus*) em que a coisa ou a essência se doa a nós ela mesma. Neste caso, a percepção, a experiência no sentido vulgar, será uma espécie particular de evidência¹⁹.

Este paralelo parece-nos muito importante. Ao não aproximar o “dado originário” da “impressão”²⁰, corre-se o risco de cometer, no que diz respeito à fenomenologia, vários erros de interpretação: a primeira consiste em ver nas obras de Husserl anteriores a *Ideen*²¹ um realismo absoluto, do qual Husserl mais tarde teria se afastado para elaborar um idealismo de inspiração kantiana. A segunda consiste em confundir o imediato com o certo e em acreditar que uma filosofia intuitiva fundamentada na evidência somente pode ser uma filosofia ingênua, desprovida de espírito crítico e incapaz de dar conta do erro.

Para dissipar a aparência de realismo absoluto na fenomenologia durante o seu primeiro período, procuraremos esclarecer o significado da célebre fórmula “*Zu den Sachen selbst*”, (voltar às coisas mesmas), e que Husserl apresenta-nos como “o princípio dos princípios”²²: “Toda a intuição que nos doa o seu objeto de uma forma original é uma fonte de justificação do conhecimento”²³.

Retornar às coisas mesmas não é ir além do fenômeno para se chegar ao ser. Em primeiro lugar, significa deixar de lado as teorias e os sistemas para enfrentar diretamente as dificuldades. Não se trata de transcender o idealismo. A atitude a que Husserl se opõe aqui, é antes a de um positivismo que procuraria na história do pensamento humano não somente a explicação do que pensam de fato os homens de uma certa época, mas ainda a justificação última do valor das ideias.

¹⁶ “A temporalidade pode servir como um sinal característico da realidade” (*L. U.*, II, p. 123).

¹⁷ *Ideen*, pp. 7- 8.

¹⁸ *Méditations cartésiennes*, p. 48.

¹⁹ *Méditations cartésiennes*, p. 48.

²⁰ O que o próprio Husserl faz: *Ideen*, p. 149.

²¹ As *Ideen* foram publicadas em 1913.

²² *Ideen*, p. 43.

²³ *Ideen*, p. 43.

Mais profundamente, o que nos é pedido é que retornemos aos dados “originários”, ao que é requerido por todas as operações simbólicas e por todas as representações, posto que o próprio jogo destas operações simbólicas corre sempre o risco de nos fazer perder de vista. Devemos passar dos conceitos vazios, pelos quais uma ideia é apenas “visada”, à intuição direta e *concreta* da ideia, tal como Hume nos ensina a regressar das ideias às impressões. As coisas aqui em questão, não são aquelas coisas em si com as quais Husserl se irritou ao vê-las confundidas²⁴. Elas são somente os dados originários da sensibilidade ou da inteligência. Antes de *Ideen*, Husserl situava-se em face da oposição Idealismo-Realismo. Nas *Méditations cartésiennes*, ele encontra-se para além [disso].

Uma interpretação realista, por outro lado, tornaria incompreensível a teoria husserliana da evidência. Se a intuição incidir sobre coisas independentes da consciência *transcendental*, sobre absolutos, todo erro se tornará impossível e seremos entregues ao mais ingênuo dos dogmatismos. Mas a evidência não é um critério absoluto de verdade. No entusiasmo que acompanha o início de uma investigação frutífera, Husserl pôde nele acreditar em determinados momentos²⁵. No entanto, temos de reconhecer que uma evidência pode ser enganadora²⁶. Todas as evidências não são apodíticas como é o caso da experiência transcendental do *cogito*²⁷. Uma evidência ordinária, embora nos entregando sempre a coisa ela mesma (*im Modus “es selbst”*), “não exclui a possibilidade de seu objeto se tornar posteriormente objeto de dúvida”²⁸. A objetividade permanece sempre enquanto o correlato da evidência e da apreensão direta, mas a verdade passa a ser a da verificação.

O que vem a ser o dado originário se ele não é a coisa absoluta? Ele não é um elemento particular, é *uma certa maneira de ser dado*, mais direta, mais vívida (*leibhaft*, dizem as *Ideen*, p. 238). Quer eu esteja a olhar para o meu irmão ou a pensar nele quando não está presente, é sempre no *mesmo* homem que estou a pensar; somente o *modo* pelo qual este pensamento se relaciona com o seu objeto que é fundamentalmente distinto. A psicologia está obstruída com o falso problema de saber como conseguimos distinguir nossas imagens de nossas percepções: é que ela aceita ingenuamente fazer da imagem uma cópia da percepção, ao invés de ver nela uma *intenção* diferente²⁹.

²⁴ ““A metafísica ingênua, operando com as coisas absurdas em si’... *Med. cart.*, p. 133.”

²⁵ *L. U.*, I, p. 111; II, p. 594.

²⁶ *Formale und transzendente Logik*, p. 111.

²⁷ *Méd. cart.*, p. 19.

²⁸ *Méd. cart.*, p. 13.

²⁹ Um psicólogo contemporâneo, Monsieur Jean-Paul Sartre, desenvolve este caráter intencional da imagem da imagem em muitas de suas interessantes obras: *L’imagination* (Paris, Alcan, 1936). *Structure intentionnelle de l’image* (*Revue de Métaphysique et de Morale*, oct. 1938, pp. 543-609).

Hume, em sua linguagem estritamente psicológica, já procurava expressar algo análogo quando admitiu, no apêndice do *Traité*³⁰, que as ideias não só podiam diferir umas das outras pela sua força ou pela sua vivacidade; é preciso algo mais, um elemento que não mais seja interno à imagem ou à impressão, que não lhe seja acrescentado objetivamente, mas que traduza o próprio comportamento do sujeito em relação aos dados que aparecem a ele: “Se eu tivesse dito que duas ideias de um mesmo objeto só podem diferir em seu modo diferente *de serem sentidas*, eu estaria mais perto da verdade”³¹. Isso já é um retorno ao assunto e entendemos que Husserl poderia ter escrito que Hume “quase já havia trilhado o domínio da fenomenologia, mas seus olhos estavam ofuscados”³².

Husserl opõe-se assim a Hume – e a Kant – ao recusar reservar apenas à sensibilidade o privilégio de possuir intuições. Nós podemos, tanto no plano das ideias como no plano perceptivo, apreender um dado originário (que, além disso, não é uma coisa em si). Mas ele está com Hume – e sempre contra Kant – na aceitação de um dado “originário” que o espírito não constrói. O originário, é o que Hume aceita sem o justificar – o que Husserl reconhece, mas que para ele é problemático –.

O interesse de Hume aqui é múltiplo: elaborar de uma maneira profunda os princípios da filosofia empirista de Locke, e tirando todas as consequências, ele nos permite ver que esta filosofia é propriamente insustentável. Ele aguça as dificuldades em vez de envolvê-las para torná-las menos sensíveis ou espalhá-las por um golpe de força. É um “especulativo puro”³³ que se escandaliza com o fato de podermos julgar a verdade de uma ideia pelas vantagens práticas ou desvantagens morais de suas consequências³⁴. Pode-se atacar a brandura de seu caráter e lamentar que nele a coragem filosófica não esteja à altura de sua inteligência³⁵; no entanto, permanece singularmente lúcido.

É assim que Hume percebe perfeitamente a dificuldade que encontra a sua filosofia: “Há dois princípios”, escreveu ele no apêndice do *Traité*, “que não posso compatibilizar e que não está em meu poder renunciar a nenhum deles; a saber: *que todas as nossas percepções distintas são existências distintas, e que o espírito nunca percebe qualquer conexão real entre*

³⁰ Foi preferido manter o título original da obra a qual o autor se refere (Nota do tradutor).

³¹ Hume, *Traité*, trad. David, p. 340. O tradutor realiza de uma forma muito feliz uma perífrase do termo *feeling*.

³² *Ideen*, p. 118.

³³ Emile Bréhier, *Histoire de la philosophie*, t. II, p. 403.

³⁴ No texto não fica claro a qual tradução francesa a que Berger se refere. Uma das possibilidades é: *Oeuvres philosophiques choisies. Essai sur l'entendement humain*, Dialogues sur la religion naturelle / David Hume; traduites de l'anglais par Maxime David; préface de L. Lévy-Bruhl / Paris: F. Alcan, 1912 (Nota do tradutor).

³⁵ E. Husserl, *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*, p. 163.

existências distintas”³⁶. Ora, o primeiro faz com que as articulações das coisas dependam das articulações do espírito, enquanto o segundo, pelo seu próprio agnosticismo, envolve um objetivismo latente³⁷. Husserl procurará conciliar as duas afirmações. Ele não tentará estabelecer uma espécie de compromisso entre eles procurando, com Kant, especificar a parte das coisas e a parte do sujeito na construção do fenômeno. Devemos, com Hume, levar a dúvida aos seus limites extremos e compreender que tudo é subjetivo; mas, ajudados por Descartes, devemos ver na subjetividade transcendental a origem da própria objetividade.

Hume contentou-se em apresentar o problema. “Devo, escreve ele, invocar o privilégio do cético e confessar que esta dificuldade é forte demais para a minha compreensão”³⁸. Ele justapõe a esta confissão de impotência uma confiança na bondade da natureza, que está no espírito do otimista do século XVIII, mas que permanece injustificada. Depois de ter construído com o maior rigor possível uma filosofia cética, ele conclui que é uma sorte “que a natureza quebre no tempo a força de todos os argumentos céticos e os impeça de ter qualquer influência notável sobre o entendimento”³⁹. Talvez seja porque reconhece uma espécie de “harmonia preestabelecida entre o curso da natureza e a sucessão de nossas ideias”, que ele tem confiança na bondade natural. Esta confiança, porém, não é tão grande que o seu otimismo não assuma por vezes o tom bastante amargo que é o da conclusão do *Traité*.

Husserl não quer permanecer no papel “agradável e brilhante do ceticismo acadêmico”⁴⁰. Para ele, a investigação filosófica é algo sério. Ela não deve servir somente para nos ocupar quando estamos “cansados de diversão e companhia”⁴¹. Ele tem “fé” na filosofia, “fé” no poder da razão, e quer reavivar esta fé, onde uma forma errada de colocar os problemas deixou com que ela fosse extinta no mundo contemporâneo⁴². Temos de enfrentar o problema de Hume, confrontar a contradição que ele levanta, mostrar os seus pressupostos implícitos⁴³ e elaborar uma teoria transcendental da consciência, unicamente capaz de resolver o enigma de um mundo “onde o ser é constituído pelo sujeito”⁴⁴; o *ser* e não apenas a *forma* como Kant gostaria de estabelecer, que assim limita a dúvida de Hume ao invés de ultrapassá-la.

³⁶ *Traité*, tr. David, p. 339.

³⁷ Cf. Lindsay, Introduction au *Treatise* de Hume, pp. xii e seguintes.

³⁸ *Traité*, tr. David, p. 339.

³⁹ *Traité*, tr. David, p. 233.

⁴⁰ Husserl, *Krisis*, p. 163.

⁴¹ *Traité*, tr. David, p. 323.

⁴² *Médit, cart.*, p. 4.

⁴³ *Krisis*, p. 163.

⁴⁴ *Krisis*, p. 172.

Monsieur Brunschvicg salienta, com justeza, que o kantismo tinha “por principal objetivo *responder* a Hume”; mas apenas o consegue porque começa por “retificar os termos do enunciado a fim de fornecer a verdadeira solução”⁴⁵. Ele resolve a oposição do objetivo e do subjetivo, por um lado, limitando à forma o papel do fator subjetivo; por outro lado, renunciando ao intuicionismo: o fenômeno que o pensamento ingênuo simplesmente crê receber é produto de uma construção realizada pelo espírito a partir da coisa em si e seguindo certas direções determinadas *a priori*.

Husserl pensa que Kant não conseguiu ver o verdadeiro problema de Hume⁴⁶. Ele aceita como evidentes muitas das hipóteses que, para Hume, são questionadas e participam da incerteza universal⁴⁷. Husserl atribui grande valor ao que há de radical na dúvida de Hume. Ele também quer criar, como [Hume], uma filosofia da intuição. Ele se opõe resolutamente a qualquer coisa que seja “construção”. Ele somente quer elucidar, desvendar (*enthüllen*), ajudar a ver. A ciência não deve ser o campo de uma espécie de jogo arquitetônico⁴⁸. “A ordem sistemática que é própria à ciência [...] não é inventada por nós; pelo contrário, ela repousa nas coisas onde temos somente de descobri-la”⁴⁹. Como reitera o *Monsieur* Gotesky⁵⁰, ainda há aqui algo que se assemelha a uma harmonia preestabelecida: que a ciência seja sistemática como é a natureza, é, em suma, para o homem um estado afortunado de coisas. Mas Husserl procurará compreender o que Hume se limitava a admitir.

A fenomenologia de Husserl pode assim ser situada de uma maneira muito precisa em relação ao pensamento de Hume: em um primeiro momento, correspondente com as *Logische Untersuchungen*, Husserl sublinha a importância e a autonomia do mundo das essências e desmascara os pressupostos do empirismo. Para dar conta do mundo e da ciência, é preciso compreender a natureza da intencionalidade e admitir, como dados originários, as essências ao lado dos fatos sensíveis. Estes dados não são ainda justificados, tampouco compreendidos. Eles conservam uma ambiguidade que explica os contrassensos que foram feitos a seu respeito. Esta mesma ambiguidade não se faz ausente na filosofia de Hume. Brunschvicg viu claramente que “a necessidade interior que trabalha sobre o pretenso idealismo dos empiristas

⁴⁵ L. Brunschvicg, *L'Expérience humaine et la Causalité physique*, p. 17.

⁴⁶ *Krisis*, p. 171.

⁴⁷ *Krisis*, p. 172.

⁴⁸ *L. U.*, I, p. 15.

⁴⁹ *L. U.*, I, p. 15.

⁵⁰ Rubin Gotesky, *Husserl's Conception of Logic als Kunstlehre in the Logische Untersuchungen*, p. 377 (*The Philosophical Review*, New York, July 1938).

[...] obriga-os, apesar de suas próprias declarações de princípio, a “*dessubjetivar*”, a empurrar para fora da consciência os elementos psíquicos”⁵¹.

Caberá ao segundo momento da filosofia de Husserl, aquele que se abre com a publicação de *Ideen* em 1913, a não derrubar o edifício já estabelecido, mas torná-lo inteligível. Percepções e intuições de essências nos entregam um dado originário que não é de modo algum um absoluto e que, em qualquer caso, remete à subjetividade transcendental que o constitui por seu ato próprio.

Não pretendemos expor aqui as teses da fenomenologia transcendental, este esforço de reflexão que conduz a dúvida também diante de Hume e pensa chegar ao sentido mais profundo do *cogito*, do qual Descartes não via claramente todas as implicações. Ansiosa por distinguir o “*Eu*” puro de tudo o que não o é, e em particular da alma psicológica, [a fenomenologia] pensa ter se libertado não só da aparência externa, trazida à luz por Berkeley, mas também da aparência interior mais sutil e tenaz⁵². Sem renunciar ao intuicionismo, ela quer libertar-se completamente do empirismo. Ela deixa para uma filosofia mais ingênua a assimilação da intuição à recepção passiva de uma exterioridade absoluta. Ela se opõe, então, à filosofia de Hume de uma maneira radical⁵³, mas, pelo menos, atravessou-a. Parece-nos, portanto, útil pensar em Hume quando procuramos compreender a fenomenologia. Porque a reflexão do filósofo é tal que a maneira como os problemas são postos e introduzidos assume pelo menos tanta importância como as soluções propostas. Estas não poderiam, de fato, ter qualquer valor, seriam apenas a conclusão de um jogo estéril e perfeitamente vão, se não se tivesse primeiro experimentado pessoalmente, dolorosamente, as dificuldades a que procuram pôr fim.

Marseille.

⁵¹ L. Brunschvicg, *Expér. hum.*, p. 463.

⁵² “Berkeley acredita ter desmaterializado, desespacializado a sensação ao demonstrar que não vemos o espaço, que não vemos no espaço. Mas ele persiste em acreditar que vê o espírito, que vê dentro do espírito” (L. Brunschvicg, *ibidem.*, p. 465). É com o despojamento desta última ilusão que a fenomenologia está particularmente preocupada.

⁵³ O hábito de considerar Hume como um psicólogo impede-nos, pensa Husserl, de ver que as suas preocupações não são exatamente as da psicologia, tanto que se poderia dizer que ele cria uma fenomenologia transcendental, mas completamente desviada de seu significado autêntico por conta de seus preconceitos sensualistas (cf. *Nachwort zu meinen “Ideen”*, p. 564). Monsieur Émile Bréhier sublinha muito justamente este caráter original do pensamento de Hume, o que contribui ainda mais para o aproximar ao de Husserl: “O intento de Hume é, por conseguinte, muito distinto de uma genealogia ou composição de ideias; ele concerne à justificação dos princípios de nossos juízos” (*Histoire de la philosophie*, t. II, p. 405).